

AMAZON-JAP, UMA FICÇÃO ETNOGRÁFICA

Gabriel O. Alvarez¹

Chegou ao porto de Belém em 1899, ainda jovem. Ele decidiu mudar de vida na virada do milênio. A cidade dos coronéis da borracha, que enviavam sua roupa par ser lavada em Paris devia ser um lugar próspero. Achou a cidade interioranamente cosmopolita. No Mercado Ver-o-Peso, quando trabalhou na construção, ganhou seu novo nome Ojapa. O antigo,... foi levado pelo rio, esse mesmo rio que ele subiu para ir aos seringais do Tapajós. Nunca tinha visto um rio dessas dimensões no Japão. Era tão grande que era difícil de enxergar de margem a margem. Os nomes se transformam no Amazonas.

Trabalho na juta em Óbidos. Na época que o rio está baixo o peixe era abundante. A farinha tomou o lugar do arroz. Os grãos de arroz que trazia na bagagem foram plantados, foram levados pelo rio e agora cresciam em alguns cantos da várzea. Cobriu sua cabeça com um chapéu de palha para suportar o calor amazônico.

A força do rio modela caprichosamente as margens, derrubam barrancos, se tingem com a terra que carregam. Os rios não carregam só água com sedimentos, carregam toras, árvores que perderam solo embaixo das raízes. Às vezes carrega verdadeiras ilhas verdes, formadas pela vegetação que flutua no rio. Águas e terras cor enferrujada, aquele calor sufocante durante o dia e os pernilongos na noite.

Quando se entra na floresta o que mais chama a atenção são seus cheiros e seus sons. Suas cores predominantes são o verde e o azul. O grito de uma guariba ecoa ao longe. Entrar na floresta é sempre ficar exposto ao ataque da onça. A onça é o único animal que vai cercando sua presa, a segue, espera pacientemente o melhor momento para atacar.

O igarapé se enfeita de *vitoria regis*. Se interna na floresta seguindo uma trilha. A cada tanto quebra algum galho para se orientar no retorno. A estreita e sinuosa senda o leva, depois de horas, até uma humilde casa de palha. Encontra uma caboclinha chorando. Sua família tinha sido morta pelos índios. Ele a abraça, tenta consolá-la. A noite começa a cair. Com o raiar do sol iniciariam o caminho de retorno. A solidão do

¹Universidade Federal do Goiás, Brasil.

japa e o sentimento de perda da cabocla se transformaram em sexo na úmida noite amazônica. Ele lembrou a frase do marinheiro alemão: “para suportar a vida no trópico, o melhor era arranjar uma cabocla e uma garrafa de cachaça”. Foi essa noite que caboclinha engravidou, meses depois nasceram os dois filhos do Japa. Norato e Iara. Norato, pela cobra Norato, nome de uma cobra grande do Trombetas. Iara, como a mãe das águas, protetora dos peixes e dos pescadores.

Com tempo Ojapa conseguiu montar um pequeno comércio em Óbidos, não longe do rio e dos engenhos de juta, uma das principais atividades da cidade. A outra era o exercito. Tinha o forte antigo, o Gurjão, e novo forte, na serra da Escama, que estava quase pronto. Nele funcionaria o 4to. Batalhão de artilharia, custodiam a passagem do rio no seu ponto mais estreito.

As crianças já adolescentes, brincam nas aforas da cidade de Óbidos, depois do forte. Internam-se na floresta com um casquinho. Passam pela barranca, com desprendimento de terra.

–“Dizem que é a cobra grande nascendo. A cobra grande coloca os ovos e quando eclodem fazem cair o barranco”.

–“Dizem que tem uma cobra grande que mora no meio do rio, embaixo de uma laje.”

–“Nas noites de lua, podem se ver seus olhos como dois faróis de cor azul.”

–“Se você vê duas luzes que vem na sua direção pode crer é a cobra grande que vem a virar o barco”.

Com o casquinho se adentram num igarapé. Norato procurava pescar. Ela estava encantada com as borboletas e os pássaros. Pássaros pretos que fazem ninhos em forma de bolas penduradas nas árvores. O Uirapuru, um pássaro que só se escuta na floresta, longe de qualquer barulho. Escuta a floresta até abrir os olhos e... encontra vê rodeada por seis indígenas. Tampam sua boca e a amarram. O grupo segue o rasto de Iara e chega até o jovem Norato que pesca no igarapé, longe do casquinho. O grupo se aproxima e de longe já avista o jovem. A irmã arregala os olhos desesperada por intentar se comunicar com o irmão. O grupo se aproxima, quando estão a 30 metros de distância ela consegue quebrar um galho. Primeiro um, depois vários pássaros saem voando de uma árvore próxima.

Norato olha, vê a sua irmã aprisionada pelos índios, pensa um instante e sai correndo para o casquinho. No percurso na sua fuga pisa na base de uma árvore de

contorno irregular. Saem grandes formigas, aproximadamente 5 cm, são tucandeiras. Algumas se prendem na sua roupa tentando defender o formigueiro. Ele corre até chegar ao casquinho. Sobe e começa a remar freneticamente. Algumas flechas caem próximas da embarcação. As formigas o ferram nos pés, nas coxas, no saco. Ele fica com febre, à deriva no grande rio.

Anoitece, Norato delira de febre no casquinho. Nas suas alucinações enxerga duas luzes intensas, de cor azulada. Sem dúvida trata-se da cobra grande. Pensa na desonra de ter abandonado sua irmã aprisionada pelos índios, e ele pronto para acabar num abraço mortal da cobra grande. Não merece outro fim, não seria capaz de contar para seu pai o vergonhoso acontecimento.

As luzes resultaram ser de um barco de um comerciante regatão que comerciava subindo o Amazonas. O Capitão preferiu subir o Amazonas para evitar o Porto de Óbidos, no ponto mais estreito do rio, onde teria que pagar impostos pelo comércio declarado. Um dos seus lugares preferidos é o rio Trombetas. Ele, sem coragem para voltar na casa dos pais, se alista como ajudante do regatão. Poderá trabalhar como prático e compartilhar a solidão do Amazonas.

A vida era bucólica no barco do regatão. Um louro, uma macaca, a Capitú, e um cachorro completavam a tripulação. A vida no barco consistia em viajar, fazer travessias para trocar mercadorias por borracha no Tapajós de águas verde esmeralda; em outros rios o produto era a juta ou as drogas do sertão. Nas viagens para o Trombetas, com suas águas barrentas e caudaloso, trocam os produtos por castanhas que os negros trazem das terras altas. A medida são as caixas de querosene, que se acumulam, cheias de castanha na despesa do navio. Os quilombolas não gostavam de brancos mais tinham simpatizado com Norato, por não ser branco, nem índio.

Assim passavam os dias, à toa, trocando café, açúcar, óleo e cachaça. Latas de querosene, pólvora, terçados e anzóis também fazem parte dos produtos, mais ficam embaixo do convés. Ele dorme na rede, na parte de cima. Brinca à espera de fregueses. Quando estão em terra uma das suas brincadeiras favoritas é atar o macaco no cachorro. O pequeno macaco fica injuriando ao pobre cachorro já velho. Sobe no seu lombo, pega do seu rabo e quando o cachorro corre atrás dele consegue pular num galho ao tempo que o cão continua firme latindo embaixo da árvore.

Outro dos circuitos que fazia o regatão era nas festas dos santos patronos. Nessas oportunidades o barco ficava duas semanas na localidade. Aos produtos básicos

somavam-se perfumes, panos, agulhas e linha. Algum espelho para as moças vaidosas e chapéus para os homens. Numa viagem ao Trombetas, carregaram o barco com pinga e outros produtos para ir a comerciar durante a festa do santo patrono da comunidade de Eirunepé. Na beira do lago juntavam-se as famílias do Trombetas e do Eirunepé, inclusive as que ainda moravam acima das cachoeiras. Nesse dia ele conseguiu uma sessão com uma velha feiticeira. Ao longe se escutavam os tambores do povo dançando *Aiue* em torno da árvore decorada com fitas, frutos, flores e moedas.

Ele chegou de noite, na porta da casa, com a garrafa de pinga na mão para pagar a consulta. Todos no rio Trombetas falavam que ela era uma grande adivinha. Tinha um espelho onde podia enxergar o passado e o futuro das pessoas, também entrava em transe e recebia espíritos que falavam durante as consultas. A velha bebeu cachaça e fumou tabaco de corda no seu cachimbo. A fumaça encheu o espaço da palhoça à beira do rio barrento. A velha entra em transe e incorpora um caboclo, melhor dito o espírito de um índio. Ele conta para Norato que sua irmã encontra-se bem, vivendo com seus parentes na floresta. Pelo seu valor, que salvou a vida do Norato, ela foi escolhida com esposa mais nova do chefe. Nessa noite de lua cheia ela perdeu sua virgindade na floresta, e gostou. O que ela não gostava era de carregar lenha e água como as mulheres mais velhas. Ela preferia acompanhar os jovens nas saídas de caça, que demoravam dois o três dias. Nessas saídas foi que conheceu seu *aphi-hi*, seu amante mais jovem. Quando estava na aldeia compartia sua rede com o chefe, mais na floresta sua paixão de acendia com seu *apihi-hi*, mais jovem e musculoso que brincava com ela contra as árvores da floresta, ou flutuavam fazendo o amor nas mornas águas de um igarapé.

A entidade foi embora e a velha voltou ao normal, não lembrava nenhuma palavra dita. Apesar disso mantinha uma cara de espanto pela última revelação, não dita, frente à qual só deu um grito e começou a soluçar, mais não conseguiu traduzir em palavras. Alguns velhos e um par de jovens que estavam na casa olhavam atônitos para Norato depois das revelações da velha feiticeira negra.

Norato ficou confuso, voltou caminhando pela beira iluminada pela lua. Andava com o olhar perdido e os ouvidos nos tambores que repicavam perto do barco entorno de uma grande fogueira. Ainda atordoado, o barulho de um galho quebrando se a suas costas o trouxe de novo na terra. Ele tinha sido seguido pela neta da velha. Ele olhou para ela. Ela devolveu a mirada, com um brilho de malícia. Ele a convidou a dar um

gole de pinga no convés do barco. Subiram pelos fundos, depois de entrar na água para não ser notados pelos que dançavam junto ao fogo. Era a última noite da festa e os casais embriagados se internavam na mata. Eles beberam como adultos, riram como crianças, fizeram o amor como apaixonados. Na manhã seguinte ele acordou atordoado, com um pouco de ressaca e vagas imagens da noite anterior. Não conseguiu encontrá-la para se despedir.

– Sai da minha rede!!! E vai desamarar o barco. Tomaremos o café no meio do rio. – falou o capitão, embriagado, depois de uma noite inteira acertando negócios, selando dívidas, bebendo cachaça e dançando.

Ainda de ressaca, com o acre sabor do sexo na boca, pega água do rio para preparar o café. Num fogão na parte traseira do navio, assopra os paus num funil de terra batida. Coloca a panela com água para ferver e prepara a meia com o pó para passar o café. O capitão, sentado na mesinha conta o dinheiro das vendas durante as festas. De onde será que os quilombolas tiram esse dinheiro, no meio do mato. A carga de cachaça deixou a muitos pendurados na caderneta do capitão. Seriam milhares de caixas de castanhas, pagas por adiantado com os tonéis de cachaça.

– Prepara beiju!!!

Norato pega a velha frigideira e derrama a branca farinha de beiju, pensando nos negros bicos dos seios da sua amante.

– Pega banana e mamão!!!

Ele lembra penetrando a úmida fruta que gemia de prazer. Tomam o café da manhã, especial. Ele lembrando da noite na rede com sua misteriosa companheira, o capitão animado com os lucros da excursão comercial. Ele lembra de não lembrar nenhuma palavra, nem um nome. O capitão repassa a lista dos endividados.

– Coloca um tambaqui aí!!! Vamos comemorar. – Encostou-se à rede e cochilou, ao tempo que Norato fazia o peixe e manobrava a vela. O vento estava suave e levava o barco rio abaixo, no sentido da correnteza.

Pouco depois das 10hs o peixe já esta pronto. O capitão foi no convés a pegar uma garrafa de vinho, era o tempo de ele tirar o peixe do fogo. O cachorro latiu, a arara gritou, tinha também a voz de uma moça aterrorizada. O cachorro tinha encurralado Nizinha entre as caixas e o capitão tinha pegado ela pelo pescoço. Tinha ela de joelhos, frente a suas calças arriadas. Norato não pensou. Pegou o terçado e abriu a cabeça do capitão ao meio. O resultado foi instantâneo. Algumas penas do louro que voou ao cair

o corpo, o cachorro lambendo o sangue do antigo dono. Ele foi consolá-la. Ela ainda em pânico tremia. Que falariam os velhos quando ficassem sabendo do acontecido? Qual seria a reação da sua mãe?

Ele tentou consolá-la, olhando ao redor pegou o mais bonito pano e o ofereceu de presente. Pegou espelhos e a banhou em perfumes. Isso lhe devolveu o sorriso. Sobre o pano, inebriados de perfumes, transaram mais uma vez, agora na presença dos olhos vazios do capitão morto. O cheiro do sangue dava um impulso selvagem ao sexo, que fazia balançar o navio.

Já de noite, jogaram o corpo do velho capitão com um peso amarrado no corpo. As piranhas dariam conta do recado. Jogaram o corpo, mais antes tiraram do bolso do capitão o dinheiro e a livreta de endividados. Ele não necessitará dessas coisas no encantado. Agora ele tinha que pintar seu novo navio, colocar-lhe um novo nome e fraudar um registro. Sair do Pará e remontar o Amazonas.

Ficaram um tempo vivendo em Tamboril, perto de Barreirinha, na casa de uns tios dela. Faziam comércio regatão pelos rios da região numa rota que se abastecia em Parintins e subia o Andirá até a terra dos Sateré bravos e dos antigos cabanos.

Nizinha ficou grávida. Ela insiste para voltar ao Trombeta com sua família. Sua mãe tem que dar a bênção a sua filha. Voltaram para o Trombetas depois do nascimento da menina. Nizinha resultou ser filha da liderança dos quilombolas, ele agora é esposo da filha e pai da neta da Zinha Rainha. Norato consegue transformar essa aliança política numa aliança comercial. Os negros se rebelam contra os donos dos papéis das terras e passam a comercializar a castanha com Norato. Agora só faltava algum contato em Óbidos para escoar a produção. Volta para Óbidos e encontra seus pais. A mãe cabocla tinha-se transformado numa mulher que choramingava a perda dos filhos na floresta. Cada vez mais magra estava quase definhando. Ele, seu pai, tinha caído na bebida e na putaria, era uma sórdida terapia para não perder a cabeça.

Toma valor, entra na casa, enfrenta o olhar da mãe, quem com o rosto cheio de lágrimas pergunta para o filho:

– Norato, voltou do encantado... e tua irmã?

– Não minha senhora, é uma longa história. E ele conta... remonta à história daquela tarde em que ele e sua irmã foram surpreendidos pelos índios. Ele contou que lutou bravamente contra vinte guerreiros, que fugiram na canoa e no meio do rio a cobra

grande destroçou a canoa. A última vez que viu sua irmã, no meio do rio, ela estava sendo socorrida por um boto, cor de rosa.

Contou que ele fora socorrido pelo Capitão, a quem serviu por vários anos, e que depois de morto o capitão deixara-lhe seu barco como herança em função dos serviços prestados. Ele tinha-se casado e: – e a senhora é avô!!! – exclamou. A velha rompeu em prantos.

O velho acordou e ficou feliz em ver seu filho de volta. Ele tinha escutado tudo desde o quarto e não acreditou uma palavra na história do boto e cobra grande, mais não era momento de discutir. Tinha que comemorar e comemorar. Um novo descendente do sol nascente no Brasil. Só que este tinha nascido muito perto do sol, e de uma linhagem matrilinear.

O filho não deu tempo de perguntar nada. Colocou-lhe um rolo de notas na mão e comentou seu novo projeto: abrir uma loja de aviamento. Com o dinheiro poderiam alugar uma loja perto do porto, negociar mercadorias com Manaus e com Belém. Ele, com sua nova família aproveitaria o movimento comercial para escoar a castanhas do Trombetas diretamente para Belém e Paris, evitando os atravessadores de Manaus. Nessa noite sua mãe ficou com sua esposa e sua filha na casa. Não era bom que uma quilombola se passeie pela cidade de Óbidos. Eles foram a comemorar, nos puteiros da cidade. Beberam *champagne* e ficaram com as mais bonitas moças do local. Se pai pegou uma ruiva, ele uma menina loirinha. Só se voltaram a encontrar na saída. Nessa altura o pai já não tinha condições de perguntar mais nada.

Entre 1914 e 1920 a primeira guerra impulsionou um pouco o comércio da borracha, mas Norato nunca abandonou o comércio, quase clandestino de castanhas do Trombetas. Seu primeiro barco percorria ainda essas águas à noite aproveitando o saber dos práticos quilombolas. Quando o preço da borracha caiu de vez, foi a castanha que permitiu que seu comércio não quebrasse. Ele dividia seu tempo entre sua mulher e sua filha no Trombetas e o comércio e suas saídas noturnas nos cabarés, na cidade. Não tinham o luxo dos de Manaus mas estavam bem servidos com bonitas moças de Santarém.

Da revolta dos tenentes em 1922 tinha escutado falar alguma coisa com os militares que também frequentavam a casa noturna. A crise da borracha se deixava sentir no comércio local. As firmas aviadoras de mercadorias invocando prejuízos não pagavam o preço acordado pelos produtos. Até o português tinha problema com seu

comércio. O funcionalismo público com o pagamento atrasado, acentuavam o ar bucólico do porto. Naquele dia 26 de julho de 1924 viu um movimento de tropas mas não prestou menor atenção, até que pegou o Jornal do Povo e viu na primeira página o manifesto da Comuna de Manaus.

“O nosso objetivo é, exclusivamente, cooperar nessa gigantesca e sacrossanta cruzada de beneficiamento para o país e de liberdade para o povo... Este formoso e exuberante elemento da Federação Brasileira não podia, assim, escapar à ação destruidora desses endoidadores e vendilhões da Pátria... E o meu governo, originário dessa peleja, ardorosa e pertinaz, que se encadeia pelo território brasileiro, com um turbilhão de energias combativas que despertam não poderá senão ser um reflexo seguro desse mesmo ardor que na memorável noite do dia 24 de julho, nos animou, nos rapidíssimos lances de uma pequenina refrega.”²

Os tenentes tinham tomado o poder também em Óbidos e mandado dissolver a polícia. Os fortes bloqueariam a passagem dos navios da República do café-com-leite. A população se mobilizava, agitada com as lembranças da Cabanagem. Naquela época tinham sido quatro anos de revolta e três governos populares. Agora com o exército encabeçando a revolta e o governador na Europa, Óbidos era a muralha da Comuna de Manaus.

Em Manaus, o Tenente Alfredo Ribeiro, tinha tomado o poder, o governador em exercício tinha fugido pelos fundos do Palácio do Rio Negro. Suas primeiras medidas foram dissolver a polícia do estado, instituir o Tributo da Redenção, com o qual expropriou bens da oligarquia em especial da família do governador, os Rego Monteiro, e confiscou o dinheiro dos bancos para pagar ao funcionalismo. Aumentou os impostos para os mais ricos, mas seu principal alvo foram as firmas atravessadoras inglesas, as mesmas que estavam asfixiando seu pequeno comércio de aviamento. Seu principal alvo foi a Manaus Market e os oligarcas, a família do governador. Como grande parte do comércio de castanhas era não declarado o aumento de impostos não afetaria, maiormente, suas finanças. Suou frio quando o tenente, a cargo do forte, se apresentou à tarde na sua residência, escoltado por quatro soldados.

Ele pegou a garrafa da sua melhor cachaça, e convidou o tenente para passar à sala onde teriam maior privacidade para discutir qualquer assunto, até sua possível

² <http://blog.controversia.com.br/2007/07/14/a-comuna-de-manaus-1924/>

detenção. Nesse caso ele daria pelo menos um bom gole antes de ir a para na masmorra do forte.

Tomou mais um gole, para seu alívio o motivo da conversa era outro, necessitavam montar a mais ampla aliança para impedir que as tropas da república chegassem a Manaus. Eles, a partir do forte, poderiam bloquear a passagem dos navios, mas suas tropas eram insuficientes para resistir uma investida do exército por terra para fazer um cerco ao forte. Necessitariam de todas as forças disponíveis e isso incluía os guerreiros quilombolas da Zinha Rainha. Outra embaixada tinha ido ao encontro dos índios sateré-mawé e dos antigos cabanos.

Assembleia indígena com os tuxauas no centro, rodeados pelos guerreiros e num terceiro plano, nas bordas, o povão, as mulheres e crianças. Têm algumas velhas entre os *tuxauas*, mais não são muitas. Entre os guerreiros se destaca uma mulher. Traços orientais, pele bronzeada, seus seios pequenos aparecem entre cabelo liso. No seu lábio inferior tem um tembetá azul-celeste com forma de muiiraquitã.

Os velhos fumam tabaco enrolado em *tahuarí*. Uma cuia com waraná circula na roda. O *tuxaua* sateré-mawé toma um gole antes de pedir a palavra. Ele apresenta o Poranting, o remo mágico, o tacape no qual os sateré podem enxergar os acontecimentos. Na parte da guerra está anunciada uma grande matança. Era necessário que os diversos grupos conformassem uma ampla aliança para se defender dos portugueses. Os sateré, que durante a cabanagem se aliaram aos cabanos, propõem a aliança com os tenentes da Comuna de Manaus para guerrear contra os portugueses.

Outro tuxaua fala: – Os Munduruku, nossos inimigos já fizeram aliança com os portugueses na cabanagem e voltaram a ficar do lado dos portugueses.

Um terceiro enfatiza: – Vamos matar muitos portugueses, esparramar seus miolos quebrando-lhes a cabeça com os tacapes.

– Podemos fazer uma chuva de flechas envenenadas e afundar o navio, como no estreito da traição no Andirá durante a Cabanagem.

– Faremos grandes trincheiras. Quando o barco se aproxime jogamos uma flecha assobiante, feita com um coquinho amarrado nela. Quando os portugueses olharem para o céu, os arqueiros na beira do buraco atiram suas flechas longas em linha reta. Quando os sobreviventes apontassem suas armas os guerreiros entram no buraco, e com as flechas mais curtas fazemos uma chuva de flechas envenenadas.

Outro fala: – a flecha é a arma do índio. Só um trisco na pele e o veneno termina de fazer o trabalho. A bala só anda em linha reta, e se não acerta direto pode furar e não matar.

Outro guerreiro, Parintintin tinha a proposta de abordar o navio, durante a noite, sigilosamente, e destroçar a cabeça dos inimigos com o tacape.

– Vamos jogar a formiga no rio. Atacaremos os portugueses nas águas. Primeiro uma chuva de flechas, depois os guerreiros, de canoa abordam o navio e destroçam as cabeças dos soldados sobreviventes. – Falou o Tuxaua Tiburcio –.

Para tentar ficar longe dos canhões do forte, o barco navegaria pela margem esquerda, perto da costa. Se os canhões o acertam, na melhor das alternativas, o barco encostaria na costa oposta, onde os indígenas o emboscariam. Era o local certo para fazer a emboscada, a margem oposta, antes do forte.

– “Morte aos *karaiwas*”. – concordam aos gritos os participantes –.

O soldado raso, caboclo, que falava *nheengatu* traduzia as falas dos tupis para o sargento. Sua tradução tinha muito de interpretação, por não dizer exageração. Sua própria negação da sua ascendência indígena, o leva a traduzir esse *karaiwa*, referido às tropas do governo, por um maliciosamente calculado: – “Matarão a todos os brancos, depois de afundar o navio cercarão Óbidos”.

O sargento sua frio, imagina as chuvas de flechas envenenadas, as emboscadas por trás de cada árvore, as águas envenenadas. Não seria fácil suportar um novo levante indígena. Os fortes foram pensados para controlar a passagem dos barcos pelos rios, mas não poderiam suportar um sítio prolongado. Tinha que fazer chegar esta notícia ao Tenente Ribeiro em Manaus.

A moça entre os guerreiros estava ansiosa. Matar um inimigo significava para ela assumir seu nome de guerreiro. Ela receberia o nome do clã do irmão da mãe do seu marido. Seu objetivo não era só matar, ela teria que caçar. Nessa batalha ela se transformaria em onça.

Se seguem dias de tensa espera. Preparação do terreno para a emboscada. Com certa desconfiança, os militares ajudam os guerreiros a fazerem os buracos que se transformariam em trincheiras. Como o tempo era curto, finalmente os militares rebeldes concordaram em “emprestar” para os indígenas vinte pás de metal para fazer os buracos. Três soldados acompanhariam as tarefas.

Foram enviados embaixadores ao Tapajós e ao Andirá para procurar as flechas e o veneno. Nas aldeias se escolheu quais seriam os velhos encarregados de preparar o veneno. Na aldeia do chefe das flechas foram confeccionadas centenas de setas. Os velhos preparavam o veneno, preparação que pagavam com sua vida, tal o poder das folhas trazidas da cabeceira dos rios.

A festa do Cauim antes da batalha adquiriu um ritmo frenético. Os Cantos de Guerra, passados pelos inimigos repetiam “quebra o colar”, ou seja quebrar o cerco do branco que asfixia o índio. “Matem eles!”. Os chocalhos e a luva com tucandiras, o suor o veneno. Essa noite os guerreiros se transformariam em onça. Ela tinha vontade de matar. Não duvidou em introduzir a mão na luva fervilhante de formigas.

Os espões do governo, um par de sargentos cearenses, chegaram a Santarém. Nos puteiros da cidade conheceram Antônia, negra descendente de escravos trazidos pelos americanos depois da guerra civil. Ela os contatou com antigo senhor de escravos. Ele continuava a ter ascendência, seja por ser dono das terras em que estes moravam, e que ele sempre ameaçava despejar em caso de que não o obedecem, seja pelo parentesco, sempre negado, produto das quentes noites amazônicas.

Os representantes da república já tinham negociado o apoio dos Munduruku, aliados das forças legalistas, em troca de armas e litros de cachaça. Agora faltava recrutar mais combatentes para reforçar as tropas que vinham de derrotar os tenentes em São Paulo. A fadiga da viagem tinha que ser compensada com comida, bebida e mulheres. Com os americanos, temerosos dos acontecimentos de Manaus, não só conseguiu um pouso seguro para as tropas, conseguiram dinheiro para apoiar as forças legalistas e um plano traçado pelo fazendeiro para minar o apoio dos quilombolas do Trombetas. No dia da chegada das tropas do governo, o fazendeiro enviou três tonéis de cachaça “temperada”. Seus dependentes tinham ordem de transportar a carga até Parintins, para um comerciante local e, a costumeira recomendação de: não beber dos tonéis e navegar perto da beira. Ele sabia que nessas condições a carga seria sequestrada pelos rebelados.

O clima de tensa espera impregnava as ruas de Óbidos. O Tenente Ribeiro Junior, que tinha se deslocado de Manaus para comandar a batalha estava atravessado por incertezas. As tropas do governo eram transportadas em dois couraçados, eles tinham um vapor, sequestrado na Comuna de Manaus. As tropas e os reservistas estavam posicionadas nos fortes, que davam certa vantagem estratégica. As tropas

legalistas tinham maior poder de fogo, mas eles contavam com o apoio popular. Às tropas baixo seu comando somavam-se outras, com certa autonomia. Os quilombolas na margem direita e os sateré na margem esquerda do rio. O combinado era os quilombolas jogassem grandes troncos nas águas do Amazonas. Está não só é parte mais estreita do rio, como também a de maior correnteza. Os troncos, levados pela corrente poderiam afundar qualquer barco de apoio, mas dificilmente afundariam os couraçados. Pela lógica da batalha, os couraçados ficariam o mais longe possível da margem direita para evitar os disparos dos canhões do forte. Ao ficarem próximos da margem esquerda, ele receberão uma chuva de flechas envenenadas. As tropas do governo revidariam, mais uma vez o ocre Amazonas ficaria tingido de vermelho sangue, indígena. Com a artilharia voltada para a margem, contra os indígenas, era a única chance de chegar com o vapor “Bahia” do Lloyd Brasileiro, artesanalmente artilhado, e ter alguma chance contra os couraçados. Os telégrafos transmitiam a notícia da derrota das tropas rebeldes em Sergipe e em São Paulo, e a passagem das tropas da marinha e do exercito por Belém.

Os dias 25 de agosto chegaram as tropas do Destacamento do Norte. Elas eram comandadas pelo Geral João de Deus no destróier Mato Grosso. Foram 14 dias de navegação a partir de Belém e uma noite de descanso em Santarém. Os espões o informaram das posições dos rebeldes. Os guerreiros Munduruku avançavam na margem direita para dar apoio às tropas federais.

Essa noite, Norato e Ojapa estavam no acampamento quilombola, na margem esquerda, quando o vigia avistou uma embarcação navegando à noite. Nela tinha mantas de pirarucu, e três tonéis com cachaça. A paçoca do peixe com farinha combinava tão bem coma cachaça. Depois de dias com pouca comida era a festa dos que se preparavam para a guerra. Norato, como líder e articulador com os tenentes, foi o primeiro a encabeçar a festa marcial. A madeira do tonel dava um gosto acentuado à cachaça. Ele estava esperando a ordem para soltar a toras. Que mal tinha beber e comer à espera da batalha em que poderiam deixar a vida.

Ojapa foi para o igarapé iluminado pelo sorriso da lua crescente. Foi beber água, para diluir as dores no seu estômago. Seria por causa do peixe salgado, seria por causa da cachaça. Chegou no rio, cravou os joelhos na água, bebeu até que entendeu: foi veneno. Nesse momento soube que as tropas chegariam a Óbidos no dia seguinte e que

não teria ninguém para jogar os troncos no rio. Seu corpo caiu na água. O mesmo rio que transformou seu espírito levou se seu corpo.

A batalha de Óbidos aconteceu. A cidade foi bombardeada o 26 de agosto de 1924. A participação de índios e quilombolas, de rebeldes e forças federais, do caboclo e do branco, é uma alegoria das tensões que atravessa a região ainda hoje. São essas tensões, de índio com índio, de índio com negro, de caboclo com índio e com negro, de todos eles com o branco, com o “doutor”, são as molas que reproduzem a diversidade no Amazonas, uma das regiões mais heterogêneas do mundo. Ojapa é uma alegoria de como essas mesmas tensões que orientam as relações sociais tem também a possibilidade de incorporar o diferente, de transformá-lo antropofagicamente.

Recebido em: 15/03/2015
Aprovado em: 11/06/2015